



Depois da Primeira-Cadência-de-Moralidade pronunciada por ANTERO  
SAVEDRA, os Músicos, como Abertura, tocam o "Romance de Minervina".

Dom PANTERO

Vou contar, neste Romance,  
a história de Romeu.  
A sua curta existência,  
e tudo o que padeceu.  
Foi a história mais tocante  
que a minha Pena escreveu.

É uma história conhecida  
em quase toda Nação.  
No Teatro e no Cinema,  
tem causado sensação,  
deixando amargas lembranças  
no mais brutal coração.

O que sofreu Julieta,  
quem, como eu, já tem lido  
todo o seu padecimento  
como foi acontecido,  
depois de seis, sete anos,  
inda não está esquecido.

Verona, antiga cidade  
da Província italiana,  
foi berço dos Capuletos,  
aquela raça tirana,  
inimiga dos Montéquios,  
família honesta e humana.

O Duque de Capuleto,  
que tinha grande poder,  
queria, ao Conde Montéquio,  
aniquilar e vencer.  
Os dois viviam sonhando  
ver um ou o outro morrer.

Ali, tudo era desgosto,  
intriga e rivalidade.  
Um dia, corre a notícia  
que assombrou toda a cidade,  
notícia que era o começo  
da grande fatalidade.

Romeu tinha quatro anos  
quando veio um pelotão,  
mandado por Capuleto  
por uma cruel traição.  
Nesse dia foi Montéquio  
trancado numa Prisão.

Ficou o Conde Montéquio  
naquela Prisão sombria.  
Ali, ele ignorava  
se era de noite ou de dia.  
Era preso e acorrentado:  
nem se mexer não podia!

#### MONTÉQUIO

Aqui estou acorrentado,  
sem socorro de ninguém.  
Aqui estou aprisionado,  
sem saber como e por quem!  
E, ah meu Deus, minha mulher  
vem ali, presa também!

Que dor no meu coração  
ao ver minha Esposa amada,  
trazida por três Carrascos,  
um de lança, dois de espada!  
E ela com Romeu nos braços,  
triste, só e abandonada!

CONDESSA

Eu te abraço, meu Marido,  
minhas queixas relatando!  
Vê nosso filho Romeu  
que, inocente, está chorando!

CAPULETO

Aqui é chegada a hora  
de na Prisão ir entrando!

Montéquio, agora me pagas,  
hoje eu hei de me vingar!  
Um dia, jurei vingança  
e agora vou te mostrar  
o furor da minha ira  
a que ponto vai chegar!

Estás aí, prisioneiro,  
pra mim não tens cotação.  
Vou decidir tua sorte,  
tenha ou não tenha razão!  
A vida de tua Esposa  
está aqui, na minha mão!

Tua querida Mulher

vai morrer, para teu mal!  
Talvez ela nem mereça  
este golpe tão fatal.  
Vai morrer em tua vista,  
cravada por meu Punhal!

MONTÉQUIO

Eu te digo, Capuleto:  
tu roubaste o meu direito!  
Prendeste-me à traição,  
és um Duque sem conceito!  
Mata-me a mim! Que ela viva,  
e eu morrerei satisfeito!

CAPULETO

Montéquio, eu vou matá-la,  
não adianta chorar!  
Te odeio profundamente,  
mas vivo vou te deixar,  
para que a morte dela  
tu sempre possas lembrar.

CONDESSA

Ah, meu Deus, que sina triste!  
me sinto desfalecida!  
Olho aqui para meu filho,  
por ele choro, sentida,  
pois vejo que não me resta  
nem meia-hora de vida!

CAPULETO cochicha ao ouvido de um dos Carrascos, o qual arranca ROMÉU dos braços da Mãe.

CAPULETO

A teus pedidos, Montéquio,  
meu sangue não atendeu!  
Já ordenei ao Carrasco,  
que logo me obedeceu!  
Dos braços de sua Mãe  
foi arrancado Romeu!

O Pai dele está aí,  
infeliz e acorrentado!  
Tu, Mulher, vem para cá,  
aqui, pr'este outro lado,  
que é pra teu Marido ver  
como, em ti, serei vingado!

Eu já tirei meu Punhal,  
que à cintura carregava.  
Já cravo no peito dela  
— era o que sempre jurava!—  
e o Punhal já vai rangindo,  
enquanto o sangue golfava!

CONDESSA

Senhor Duque Capuleto,  
seu coração é perverso!  
Tenha dó do meu filhinho,  
que ainda dorme de berço!

CAPULETO

Não! Vou calcar o Punhal  
para entrar até o terço!

CONDESSA

Com a dor da punhalada  
meu corpo se estremeceu!

Adeus, meu querido Esposo,  
cuida do nosso Romeu!  
Diz a Romeu que a Mãe dele,  
sendo inocente, morreu!

Os *Músicos repetem a primeira frase do “Romance de Minervina”.*

CAPULETO

Já está morta a Condessa,  
prostrada na laje fria!  
Vou arrancar o Punhal,  
onde o sangue já esfria.  
E mostro ao Marido dela  
que foi como eu garantia!

Então, querido Montéquio,  
já conheces quem sou eu?  
Guarda o Punhal para ti:  
agora o Punhal é teu!  
Quando teu filho crescer,  
dá de presente a Romeu!

O corpo, aqui, da Condessa,  
não o deixo sepultar!  
Vocês, Carrascos, o levem  
pela rua, a se arrastar!  
Depois, coloquem num saco  
e joguem dentro do Mar!

Os *Músicos repetem a primeira frase do “Romance de Minervina”.*

DOM PANTERO

Aí, tendo praticado

tamanha barbaridade,  
Capuleto foi pra casa.  
Quando chegou à cidade,  
deu ordem pra que Montéquio  
fosse posto em liberdade.

Montéquio, desesperado,  
saiu daquela Prisão,  
dando uma mão para o filho,  
com o Punhal na outra mão.  
Foi chorar a sua sorte,  
sozinho, na solidão.

— Dezesseis anos passaram! —

Romeu via sempre o Pai  
muito triste, a suspirar.  
O filho, no seu segredo  
não podia penetrar.  
Como o Pai nunca se abria,  
Romeu não quis perguntar.

Quando o Conde achou que o filho  
era capaz de razão,  
e, pr'a vingança, podia  
tomar uma decisão,  
chamou-o secretamente,  
fez-lhe a comunicação.

*Com os Músicos tocando a primeira estrofe do “Romance de Minervina”, abre-se a cortina do Palco menor. O Ator que faz MONTÉQUIO retira-se com ROMÉU para junto de ANTERO SAVEDRA e DOM. PANTERO, e os quatro passam a formar uma espécie de pequeno público para a representação dos Bonecos. A critério do Encenador, a cena que se segue pode ser muda, caso em que os Bonecos atuarão ao som da música, que continua.*

MONTÉQUIO-BONECO

Aqui estou acorrentado,  
sem socorro de ninguém.  
Aqui estou aprisionado,  
sem saber como e por quem!  
E, ah meu Deus, minha Mulher  
vem ali, presa também!

Que dor no meu coração  
ao ver minha Esposa amada,  
trazida por três Carrascos,  
um de lança, dois de espada!  
Ela com Romeu nos braços,  
triste, só e abandonada!

CONDESSA-BONECA

Eu te abraço, meu Marido,  
minhas queixas relatando!  
Vê nosso filho Romeu  
que, inocente, está chorando!

CAPULETO-BONECO

Aqui é chegada a hora  
de na Prisão ir entrando!

Montéquio, agora me pagas,  
hoje eu hei de me vingar!  
Um dia, jurei vingança,  
e agora vou te mostrar  
o furor da minha ira  
a que ponto vai chegar!

Estás aí, prisioneiro,  
pra mim não tens cotação.



Vou decidir tua sorte,  
tenha ou não tenha razão!  
A vida de tua Esposa  
está aqui, na minha mão!

Tua querida Mulher  
vai morrer, para teu mal!  
Talvez ela nem mereça  
este golpe tão fatal.  
Vai morrer em tua vista,  
cravada por meu Punhal!

MONTÉQUIO-BONECO

Eu te digo, Capuleto:  
tu roubaste o meu direito!  
Prendeste-me à traição,  
és um Duque sem conceito!  
Mata-me a mim! Que ela viva,  
e eu morrerei satisfeito!

CAPULETO-BONECO

Montéquio, eu vou matá-la,  
não adianta chorar!  
Te odeio profundamente,  
mas vivo vou te deixar,  
para que a morte dela  
tu sempre possas lembrar.

CONDESSA-BONECA

Ah, meu Deus, que sina triste!  
Me sinto desfalecida!  
Olho aqui para meu filho,  
por ele choro, sentida,  
pois vejo que não me resta  
nem meia-hora de vida.

*Aqui, os bonecos repetem a cena de CAPULETO cochichando ao ouvido de um dos Carrascos.*

CAPULETO-BONECO

A teus pedidos, Montéquio,  
meu sangue não atendeu!  
Já ordenei ao Carrasco,  
que logo me obedeceu!  
Dos braços de sua Mãe  
foi arrancado Romeu!

O Pai dele está aí,  
infeliz e acorrentado!  
Tu, Mulher, vem para cá,  
aqui, pr'este outro lado,  
que é pra teu Marido ver  
como, em ti, serei vingado!

Eu já tirei meu Punhal,  
que à cintura carregava.  
Já cravo no peito dela  
(era o que sempre jurava!)  
e o Punhal já vai rangindo,  
enquanto o sangue golfava!

CONDESSA-BONECA

Senhor Duque Capuleto,  
seu coração é perverso!  
Tenha dó do meu filhinho,  
que ainda dorme de berço!

CAPULETO-BONECO

Não! Vou calcar o Punhal  
para entrar até o terço!

CONDDESSA-BONECA

Com a dor da punhalada,  
meu corpo se estremeceu!  
Adeus, meu querido Esposo,  
cuida do nosso Romeu!  
Diz a Romeu que a Mãe dele,  
sendo inocente, morreu!

Os Músicos repetem a primeira frase do “Romance de Minervina”.

CAPULETO-BONECO

Já está morta a Condessa,  
prostrada na laje fria!  
Vou arrancar o Punhal,  
onde o sangue já esfria.  
E mostro ao Marido dela  
que foi como eu garantia!

Então, querido Montéquio,  
já conheces quem sou eu?  
Guarda o Punhal para ti:  
agora o Punhal é teu!  
Quando teu filho crescer,  
dá, de presente, a Romeu!

O corpo, aqui, da Condessa,  
não o deixo sepultar!  
Vocês, Carrascos, o levem  
pela rua a se arrastar!  
Depois, coloquem num saco  
e joguem dentro do Mar!

Os Músicos tocam a primeira frase e a primeira estrofe do “Romance de Minervina”. Fecha-se a cortina do Palco menor e o MONTÉQUIO-ATOR continua a narração para o ROMÉU-ATOR.

MONTÉQUIO

Romeu, foi este o Punhal  
que a tua Mãe matou!  
Faz hoje dezesseis anos  
que tua Mãe expirou,  
morta por este Punhal  
que o próprio Duque cravou!

Ouve, meu filho, o que digo,  
presta-me toda atenção!  
O Duque de Capuleto  
tem a nossa maldição,  
pois tua Mãe, minha Esposa,  
matou sem ter compaixão!

O Duque de Capuleto,  
por meio de covardia,  
mandou prender-me à traição,  
pois eu de nada sabia!  
Brutalmente me trancou  
numa cruel Enxovia!

Depois, matou tua Mãe,  
fez esta barbaridade!  
Só então foi para casa,  
e, ao chegar à cidade,  
deu ordem para que eu fosse  
colocado em liberdade.

Meu filho, foi quase morto  
que eu saí da Prisão!  
Uma mão eu dava a ti,  
com o punhal na outra mão!  
Vim sofrer a dura sorte,  
aqui nesta solidão!

Hoje inda choro, Romeu,  
a nossa infelicidade!  
Tenho te dado instrução  
só por força de vontade!  
Desde aquele dia vivo  
fora da sociedade!

Isto que te digo agora,  
guardei na minha lembrança.  
Passaram dezesseis anos,  
eras ainda criança!  
Meu filho, o tempo é chegado:  
exijo nossa vingança!

É preciso que tu vingues  
a tua Mãe mal-fadada!  
Meu filho, toma o Punhal:  
ela tem de ser vingada!

Parte, Romeu, sem demora!  
Sai da sombra! Parte, vai!  
Mata o Duque! Só assim  
a minha dor se retrai!  
Mata o Duque! É o que te pede  
o coração de teu Pai!

Eu recebo este Punhal  
que o meu sangue derramou!  
Beijando a Cruz de seu cabo,  
juro o que meu Pai jurou!  
Mato o Duque com o Punhal  
que a minha Mãe me roubou!

MONTÉQUIO

Recebo teu juramento  
com muita satisfação,  
pois vais cumprir a vingança  
que te dei como missão!

ROMÉU

Sim, eu juro a meu bom Pai  
que vingo a sua Paixão!

DOM PANTERO

No outro dia, Romeu,  
com um amigo dedicado,  
viajou para Verona  
e o castelo do Ducado.  
Dizia para o amigo  
que o Pai seria vingado.

Este amigo, de quem falo,  
e que ia com Romeu,  
junto a ele se criara,  
junto com ele cresceu.  
Eram como dois irmãos:  
Mercúcio era o nome seu.

No dia em que os dois chegaram  
lá nas terras do Ducado,

o aniversário da filha  
do Duque era celebrado.  
O Castelo estava em festa,  
ricamente embandeirado.

Romeu saltou do cavalo  
e combinou com o amigo.  
Entraram lá, disfarçados,  
naquele Castelo antigo,  
pois ambos eram valentes,  
não fugiam do perigo.

Os que estavam na festa,  
tinham ido mascarados.  
Assim fizeram os dois:  
entraram fantasiados,  
ambos de Castelo adentro,  
em capotes, embuçados.

Dentro, tudo era alegria,  
muitos rapazes dançavam.  
Algumas moças, sentadas,  
com seus noivos conversavam.  
Tocavam alguns dos Músicos,  
outros, alegres, cantavam.

*Os Atores e Bailarinos dançam ao som de “Bernal Francês”, que pode ser tocado  
com a música do “Romance da Bela Infanta”, pois ela permite variação de ritmo.*

#### ROMANCE DE BERNAL FRANCÊS

— Quem bate na minha porta?  
Quem bate? Quem está aí?

— É Dom Bernaldo Francês,  
sua porta mande abrir!

— No descer da minha Cama,  
eu rompi o meu Frandil.  
No descer da minha Escada,  
me caiu o meu Chapim.  
No abrir da minha Porta,  
apagou-se o meu Candil.  
Eu te pego pela mão,  
te levo no meu Jardim,  
te faço Cama de rosas,  
travesseiro de Jasmim.  
Te lavo em água de cheiro,  
te deito em cima de mim.

— Deixem que volte de novo,  
com minha Capa a cair.  
Quero ver se a minha Dama  
inda se lembra de mim!

— Tua Dama, Cavaleiro,  
está morta, que eu já vi.  
Os sinais que ela levava  
vou dizer agora aqui.  
Os sinos que lhe tocaram  
por minha mão os tangi.  
O Caixão em que a enterraram  
era de ouro e marfim.

Palavras não eram ditas,  
morre Bernal, no Jardim.  
Esta foi a sua história,  
foi este o seu triste fim.



DOM PANTERO

A filha de Capuleto,  
a formosa Julieta,  
dançava com um rapaz  
que vestia roupa preta.  
Tinha ao seio, por enfeite,  
um cacho de violetas.

ROMEO

Meu Deus, estou encantado  
com toda aquela beleza!  
Aquela Moça parece  
uma Fada, uma Princesa!  
Mercúcio, quem é aquela?  
Quem é aquela lindeza?

MERCÚCIO

É filha de Capuleto!  
O leque que ela trazia  
caiu de sua bela mão,  
quando, há pouco, se movia!

ROMEO

Eu vou lá! Vou apanhá-lo!

*(Entregando o leque.)*

O leque lhe pertencia?

JULIETA

Sim, o leque me pertence!  
Muito obrigada, Senhor!  
Em paga da gentileza

queira aceitar esta Flor:  
receba esta Violeta  
em troca do seu favor!

ROMÉU

Eu beijo esta doce Flor  
de perfume delicado!  
Vou guardá-la junto ao peito,  
com todo amor e cuidado,  
como se fosse uma Joia  
que aqui eu tivesse achado.

Eu não penso mais na jura  
que fiz a meu velho Pai!  
Pois o Amor é água pura  
que em nossas almas cai,  
e o desejo de vingança  
na sede do Amor se esvai!

Deixe a dança, Julieta,  
finja que vai passear.  
Guardo comigo um segredo  
que a você vou revelar.  
Vá lá para a outra Sala:  
me espere, que chego lá!

JULIETA

Sinto que empalideci,  
que estou da cor de um Jasmim!  
Para a outra Sala, não:  
é melhor lá no Jardim!  
Lá tu podes me dizer  
o que desejas de mim!

Há pouco, quando falavas,  
o meu peito estremecia!  
Como te chamas?

ROMÉU

Romeu!

JULIETA

Pois, Romeu, não sei se vias  
que vieste me salvar  
da tristeza em que eu vivia!

Que é que tens pra me dizer?

ROMÉU

Escuta, linda Criança!  
Eu vim tomar de teu Pai  
a mais dura das vinganças.  
Mas o Punhal com que eu vinha,  
deponho ante as tuas tranças!

Diante de tal beleza,  
sinto meu peito chagado!  
Por teus olhos verde-azuis,  
eu fiquei enfeitiçado.  
Eu estou louco de amor!  
Estou cego, apaixonado!

Teu Pai matou minha Mãe,  
quando eu era menino.  
Jurei vingar essa morte,  
porém decreta o Destino  
que tudo seja esquecido,  
ante teu rosto divino!

Serei perjuro! Jamais  
a meu Pai eu voltarei!  
A teus pés, divina imagem,  
o teu Escravo serei!  
Juro que junto de ti  
viverei e morrerei!

Pois bem, Julieta: agora  
eu quero este Amor selar!  
Quero em tua linda boca  
um beijo depositar!

JULIETA

O que é isto? Sem pudor,  
eu já me deixo beijar?

ROMÉU

Existe, só, um remédio  
pra aliviar o pudor:  
é repetirmos o beijo,  
agora com mais calor!

JULIETA

Meu Deus, eu me sinto tonta!  
Foi a dança ou é o Amor?

ROMÉU

Julieta, quem é este  
que sai ali, de um recanto,  
pior que um Tigre feroz,  
cheio de raiva e de espanto?

JULIETA

É o Marquês Teobaldo,  
meu primo! Te odeia tanto!

TEOBALDO

Romeu, que fazes aqui?  
Responde-me, miserável!  
Que vieste procurar?  
Teu sangue é sangue execrável!  
Sai daqui, senão a morte  
é teu fim inevitável!

Julieta, vai também,  
senão serás arrastada!

JULIETA

Não, Romeu, não lhe respondas!  
Meu primo, guarda a Espada!

TEOBALDO

Não desobedecerás  
à minha ordem, já dada!

ROMEU

Teobaldo, Teobaldo!  
Não toques nem sua mão!  
Se tu deres mais um passo,  
cairás morto no chão!  
Pois minha Espada certa  
cortará teu Coração!

Os dois lutam.

JULIETA

Meu Deus! Romeu e Teobaldo  
cruzam já suas Espadas!  
Já sinto que vou cair  
sobre o solo desmaiada!

Cai. ROMÉU mata TEOBALDO. JULIETA recobra os sentidos.

Meu Deus, o que se passou?  
A luta está terminada!

Teobaldo já caiu,  
por um golpe traspassado!  
O pano de sua roupa,  
já está de sangue molhado!  
E Romeu, de pé, contempla  
o seu ferro ensanguentado!

Já lá chega, do Castelo,  
o pessoal que dançava!

CAPULETO

O que foi que houve aqui?  
Quem foi que tais gritos dava?  
O quê? Teobaldo morto?  
Meu sobrinho que eu amava?

Prendam já este assassino,  
e levem para a Prisão!  
Vai ser condenado à morte,  
sem demora e sem perdão!  
Quem derramou o meu sangue,  
não merece compaixão!

Os Músicos tocam "A Rosa Roseira".

Dom PANTERO

Fazia, já, sete dias  
que Romeu fora detido,  
quando, uma noite, ele ouviu  
na Prisão grande ruído,  
e apareceu Julieta,  
envolta em branco vestido.

JULIETA

Romeu, Romeu de minh'alma,  
quanto sofri tua ausência!  
Debalde pedi, por ti,  
a meu Pai sua clemência!  
Eu vim te tirar daqui,  
desta cruel penitência!

Falei com um velho Padre,  
a quem contei, lealmente,  
que tinha por ti, Romeu,  
uma paixão louca, ardente!  
O Padre me prometeu  
casar-nos secretamente!

Vem! Eu subornei os guardas:  
não há ninguém nos seguindo!  
Já soou a meia-noite,  
os meus Pais estão dormindo!  
Não tenhas medo da Noite,  
pois o Luar está lindo!

Romeu

Meu Deus, que felicidade!

É a minha noiva-amante!

JULIETA

Vamos lá para a Capela,  
chegamos lá num instante!  
Lá, o Padre nos espera,  
com o Coroinha-ajudante!

*Enquanto os dois se casam, na presença do PADRE, os Músicos tocam “Bernal Francês”, a música da festa.*

DOM PANTERO

Assim, Romeu, na Capela,  
com Julieta casou!  
Debaixo dos pés de Cristo  
foi que ele se ajoelhou  
e, diante de Deus, por ela,  
amor eterno jurou!

O PADRE

Romeu, vou dar-lhe um conselho:  
é melhor você partir.  
Você deve ir para Mântua,  
lá, um tempo, residir.  
Prometa à sua Mulher  
ir dela se despedir.

Ela sai, vai esperá-lo,  
fiel, em sua janela.  
Você, daqui a momentos,  
vai lá, para estar com ela.  
Suba o muro do Castelo  
e vá para o quarto dela.



JULIETA

Romeu, vou em tua frente,  
para o Castelo esperar-te.  
Por enquanto, aqui tu ficas,  
para o Padre aconselhar-te,  
pois o Padre é nosso amigo:  
o que pretende, é salvar-te!

Sai.

O PADRE

Muito bem, Romeu, meu filho!  
Você agiu bem, Romeu!  
Mas agora é necessário  
cuidar do futuro seu.  
Você não diga a ninguém  
que quem os casou fui eu!

Hoje mesmo, antes que o Sol  
tenha chegado a sair,  
você deve ir para Mântua:  
Julieta fica aqui.  
Se o ambiente melhorar,  
eu mandarei prevenir.

Na sua ausência, eu prometo  
por Julieta velar.  
O ódio de Capuleto  
procurarei abrandar.  
Se conseguir, a notícia  
logo mando lhe levar.

ROMEU

Beijo-lhe a mão, meu bom Padre,  
mas minh'alma está ferida!  
Vou procurar Julieta,  
vou procurar minha vida!  
Sei que me arrisco, mas vou  
celebrar a despedida!

Dom PANTERO

Ao chegar lá no Castelo  
Romeu achou sua amada.  
Julieta o esperava,  
na varanda debruçada.  
Romeu parecia ter  
a alma toda exaltada!

JULIETA

Quem bate na minha Porta?  
Quem bate? Quem está aí?

ROMEU

Ah, minha amada, é Romeu!  
sua Porta venha abrir!

*Abre-se a cortina do Palco menor, onde se vê uma Cama. Fala JULIETA, enquanto se encaminha para lá, com ROMEU.*

JULIETA

No deitar da minha Cama,  
se rompeu o meu Frandil.  
No descer da minha Escada,  
me caiu o meu Chapim.  
Eu te pego pela mão,  
tu entras no meu Jardim.  
Te faço Cama de rosas,

travesseiro de Jasmim.  
Te lavo em água de cheiro,  
te deito em cima de mim.

Os dois entram e fecham a Cortina.

Dom PANTERO

O que se passou ali  
— digo ao público-auditor —  
é impossível descrever,  
tal foi a cena de amor!  
Imagine quem já tenha  
vivido um igual ardor.

Mas, pra falar do que houve,  
uso um verso conhecido,  
que não é da minha lavra,  
pois caiu num outro ouvido.  
Ele dá pálida ideia  
do que ali foi sucedido.

Novamente a critério do Encenador, a cena seguinte pode ser representada pelo  
Ator que faz ROMÉU, ou por dois Bonecos que representem o casal. ROMÉU (ou o  
casal de Bonecos) aparece por cima do travessão que sustém a Cortina.

ROMÉU

“Eu tirei minha Gravata,  
ela tirou o Vestido.  
Eu, o cinto, com Revólver,  
ela seus quatro Corpinhos.  
As anáguas engomadas  
soavam nos meus ouvidos  
como um tecido de seda  
por vinte facas rompido.

Eu toquei seus belos peitos  
que estavam adormecidos,  
e eles se ergueram, de súbito,  
como ramos de jacinto.  
Naquela noite eu passei  
pelo melhor dos caminhos,  
montado em Potrinha branca,  
mas sem Sela e sem estribos.  
Suas coxas me escapavam,  
como Peixes surpreendidos,  
metade cheias de fogo,  
metade cheias de frio.”

No caso de optar-se pelos dois Bonecos, fala JULIETA:

JULIETA

“Ele tirou a Gravata,  
eu tirei o meu Vestido.  
Ele, o cinto, com Revólver,  
e eu, meus quatro Corpinhos.  
As anáguas engomadas  
soavam nos meus ouvidos  
como um tecido de seda  
por vinte facas rompido.  
Ele tocou nos meus Seios,  
que estavam adormecidos,  
e eles se ergueram de súbito,  
como ramos de jacinto.  
Naquela noite, corri  
pelo melhor dos caminhos,  
montada por um Ginete,  
mas sem Sela e sem estribos.  
Minhas coxas lhe escapavam,  
como Peixes surpreendidos,  
metade cheias de fogo,

metade cheias de frio.”

Dom PANTERO

Então, que imagine o público  
esta cena de noivado.  
O tempo em que estiveram  
aqueles dois abraçados.  
Quantos beijos, quantos toques,  
quantos êxtases trocados!

O Dia já vinha entrando  
pela brecha da Alvorada.  
Eles, coitados, pensavam  
que inda era a Madrugada,  
e Romeu, feliz, beijava  
o corpo de sua Amada.

Quando, porém, conheceram  
que o dia estava a chegar,  
Romeu disse a Julieta:

Romeu

Eu inda estava a sonhar!  
Adeus! Nessa hora triste,  
eu parto, vou te deixar!

Vamos viver separados,  
pois o Destino assim quis.  
Eu peço a Deus que te faça,  
no mundo, muito feliz.  
Eu partirei para o exílio:  
cumpro uma Sorte infeliz!

Se algum dia tu souberes  
que eu, longe de ti, morri,  
murmura a Deus uma prece  
por quem tanto amou a ti.  
Derrama por mim teu pranto,  
que eu, por ti, muito sofri.

Quanto a mim, também te juro  
que, se morreres primeiro,  
sobre o teu leito de morte  
eu virei, triste romeiro,  
dar, abraçado contigo,  
meu suspiro derradeiro.

Eu estou sentindo um triste  
pressentimento de Morte.  
Minh'alma, como uma Nau  
que está perdida e sem norte,  
vagueia num Mar imenso,  
entregue a terrível sorte.

Como vai ser triste e duro  
o tempo que vou passar  
longe de ti, Julieta,  
da bênção do teu olhar!  
Adeus, enfim: vou seguir!  
Adeus: eu vou te deixar!

Adeus, Verona, onde deixo  
meu Sonho, minha ilusão!  
Adeus casas, ruas, praças,  
e aves de arribação!  
Adeus, Julieta! Eu parto,  
mas fica o meu coração!

DOM PANTERO

Beijaram-se os dois amantes,  
se abraçaram docemente.  
Juraram que haveriam  
de se amar eternamente.  
E afinal se separaram,  
chorando o Amor inocente.

Logo após Romeu deixava  
a nobre e bela Morada.  
Julieta, soluçando,  
Na Varanda debruçada,  
ficou até que Romeu  
se sumiu no pó da Estrada.

Daquele dia em diante,  
Julieta não mais sorriu.  
Sonhando pelo Jardim,  
nunca mais ninguém a viu.  
Do castelo de seu Pai,  
pra canto nenhum saiu.

Todos ficaram pasmados,  
perante aquela tristeza.  
Pensavam que era doença  
sua profunda frieza.  
Só à imagem de Romeu  
é que se mantinha presa.

Um dia, seu Pai chamou-a  
até a sua presença:

CAPULETO

Minha filha, escute aqui:

eu quero que te convenças  
de que vou dar-te um remédio  
pra esta tua doença!

Ontem, veio o Conde Páris  
te pedir em casamento.  
Por ser um moço de bem,  
dei-lhe o meu consentimento.  
Vou te apresentar a ele,  
dentro de poucos momentos.

JULIETA

Pai, não faça esta desgraça!  
Eu não quero me casar!  
Eternamente solteira,  
quero meus dias findar!  
Somente a você, meu Pai,  
é que na vida hei de amar!

CAPULETO

Não, minha filha, ouve bem:  
tu deves ter um Marido!  
Já dei meu consentimento  
e o voto será cumprido!  
Já tenho o Conde por genro,  
e um genro muito querido!

Se não cumpres o mandado  
que agora te faço a ti,  
podes dizer para o mundo:  
“Para meu Pai, eu morri!”  
Pois nunca mais deitarei  
minha bênção sobre ti!



JULIETA

Paciência! Como Pai,  
o senhor faz o que quer!  
Mas eu, desse Conde Páris,  
nunca serei a Mulher!  
Desculpe, querido Pai:  
não posso lhe obedecer!

Dom PANTERO

Capuleto, furioso,  
de raiva cerrou os dentes.  
Chegou a empurrar ao chão  
a pobre filha inocente.  
E, todo cheio de cólera,  
saiu de lá bruscamente.

Julieta, em desespero,  
sua Criada chamou:

JULIETA

Vá me procurar o Padre  
que é o meu Confessor.  
Diga-lhe que, sem demora,  
venha aqui onde eu estou!

Dom PANTERO

Alguns momentos depois,  
quando o Padre ali chegou,  
Julieta, para ele,  
os seus desgostos contou.  
A cena que o Pai fizera,  
também toda relatou.

Acabada a narração,

o Padre pega a falar:

¶ADRE

Ah, filha, você não deve  
deixar-se desesperar!  
Acho que tenho um remédio  
que tudo pode evitar!

Precisa muita coragem  
para o que vou lhe propor.  
Mas você não tenha medo:  
confie em Nosso Senhor!  
Escute então o que eu digo,  
pois meu plano vou lhe expor.

Eu tenho, há muito, comigo,  
um frasco de dormideira.  
Se você tomá-la, fica  
morta, uma semana inteira.  
Com ela, é que vou salvá-la!  
É assim, desta maneira:

Você bebe a dormideira,  
e vão pensar que morreu.  
Seu Pai faz o seu enterro:  
quem vai celebrar, sou eu!  
Acabada a cerimônia,  
mando avisar a Romeu.

Ele vem, leva seu corpo  
pra Mântua, terra do exílio.  
Talvez, depois, o seu Pai  
o receba como filho.  
Se assim for, vocês dois

vão viver o seu idílio!

Dom PANTERO

Julieta aceitou tudo  
o que o Padre propusera.  
À noite, toma o narcótico  
como o Confessor dissera.  
E, com pouco, no Castelo,  
sua Mãe se desespera.

O Pai, também muito triste,  
ordenou o Funeral.  
Como aquele, nunca houve  
neste Mundo terreal:  
Julieta teve enterro  
como não houve outro igual.

O Povo seguiu o Carro,  
pra sepultar na cidade.  
Eram mais de mil tocheiros,  
dando, a ela, a claridade!  
Capuleto, arrependido,  
chorava na soledade!

— Foi aí que aconteceu  
a maior fatalidade! —

Antes que o Padre mandasse  
o aviso pra Romeu,  
Mercúcio, em Mântua, lhe disse:

MERCÚCIO

Ah, meu amigo Romeu!

Dou-lhe a notícia sofrendo,  
pois Julieta morreu!  
Vim te buscar para a veres,  
linda, no túmulo seu!

DOM PANTERO

Romeu ficou como louco  
com a notícia que foi dada!  
Comprou então um Veneno,  
cingiu ao cinto a Espada,  
e partiu com o projeto  
de morrer junto da Amada.

Selou depressa o Cavalo,  
e, como um raio, partiu,  
em galope cego e doido,  
como ninguém nunca viu.  
E, a caminho de Verona,  
num momento se sumiu!

Quando, lá no Cemitério,  
pelo Portão já entrara,  
encontrou Páris que ia  
levar Rosas que comprara  
para perfumar o corpo  
da Bela que o desprezara.

Páris gritou a Romeu:

PÁRIS

Que vens tu fazer aqui?  
Não sabes que Capuleto  
tem grande ódio por ti?  
Retira-te, se não queres

também ficar morto aí!

ROMÉU

A resposta que te dou  
é tirar a minha Espada  
e descarregar, em ti,  
tal golpe de cutilada,  
que te decepe a cabeça  
na primeira navalhada!

Lutam. ROMÉU mata PÁRIS.

DOM PANTERO

Matou, guardou a Espada,  
e correu para onde estava  
o belo corpo daquela  
a quem mais que tudo amava,  
e que, naquele momento,  
como morta ali se achava.

ROMÉU (*Bebendo o Veneno.*)

Este Veneno é quem salva,  
de sua morte, a Romeu!  
Nada me resta no mundo,  
pois Julieta morreu!  
No outro vivo, no Reino  
a que ela se acolheu!

Meu Amor, vou encontrar-te:  
eu não me deixo abater!  
Já faz efeito o Veneno,  
eu já começo a morrer!  
Já estão cegos meus olhos!

Mas, vendo-te, volto a ver!

Morre.

DOM PANTERO

Nesse instante, Julieta  
de seu sono despertou,  
e então, muito espantada,  
Romeu ali avistou.  
Estava, porém, já morto,  
e ela se desesperou.

JULIETA

Romeu! Ah, que dor terrível!  
Romeu! Estou como louca!  
Com todo este sacrifício  
nossa sorte ser tão pouca?  
Não é possível! Romeu,  
dá um beijo em minha boca!

Acorda, Romeu, acorda!  
Faz-me, um que seja, um carinho!  
Vamos nós dois, descuidados,  
seguir o nosso caminho,  
e, longe daqui, bem longe,  
fazer, pra nós, outro ninho!

DOM PANTERO

Ficou assim, muito tempo,  
chamando por seu Esposo.  
Afinal, viu que ele fora  
para o lugar do repouso,  
lá, onde um outro sentido  
têm Amor, e sonho, e gozo.

Tirou, então, de Romeu,  
o seu Punhal afiado.  
Enterrou no coração  
aquele ferro aguçado,  
e caiu, morta, por cima  
do corpo de seu Amado.

Aí, algumas pessoas  
que foram ao Cemitério,  
ficaram muito espantadas  
com todo aquele mistério:  
morto o casal, morto Páris,  
na entrada do Presbitério.

Depois, soube-se de tudo,  
porque o Padre contou.  
Capuleto, muito triste,  
um Túmulo preparou,  
e os Amantes, abraçados,  
dentro dele sepultou.

Somente depois da morte  
foi que puderam se unir,  
tendo, os dois jovens corpos,  
já deixado de existir,  
e nada mais, neste mundo,  
lhes sendo dado fruir!

Os Músicos tocam o "Romance de Minervina". ANTERO SAVEDRA pronuncia a Segunda-Cadência-de-Moralidade. Encerrada esta, DOM PANTERO retoma a palavra:

Dom PANTERO

Quem ouviu este Romance  
e sabe o que se escreveu,  
sabe a Condessa Montéquio  
em que condições morreu.  
Também conhece a fraqueza  
que seu filho cometeu.

Romeu, que era valente  
— diz a sua biografia —  
soube, dita por seu Pai,  
a dor que este sofria.  
Romeu jurou de vingá-lo,  
no mesmo ou no outro dia.

Mas logo deixa a promessa  
no fundo de uma gaveta.  
Bastou ver, num belo seio,  
um cacho de violetas,  
mesmo inimiga do Pai,  
amou logo a Julieta.

Nas condições em que estava,  
não tinha nenhum rodeio:  
era vingar-se de tudo,  
fingindo como um passeio.  
Não tinha que perguntar  
se o rosto era belo ou feio.

Mas ele não fez assim:  
quando entrou naquela Sala,  
viu Julieta dançando,  
fez tudo pra conquistá-la.  
Inda ela sendo uma Deusa,  
ele devera odiá-la!



Romeu foi falso a seu Pai,  
vem daí o seu castigo.  
Faltou-lhe tenacidade:  
não percebeu o perigo  
de se casar com a filha  
de seu pior inimigo!

Foi este o maior motivo  
de sua infelicidade.  
Romeu traiu a família,  
faltou-lhe com a lealdade.  
Onde existe um ódio antigo,  
não pode haver amizade.

Os Amantes de Verona  
tiveram fim desgraçado,  
embora tenham morrido  
um com a outra abraçado.  
Julieta apunhalou-se,  
Romeu foi-se, envenenado.

— De modo que o Espetáculo acaba com a última estrofe do  
Folheto sertanejo que lhe deu origem: —

ANTERO SAVEDRA E DOM PANTERO

Quem odeia a covardia  
tem que dizer como eu:  
como o rapaz não vingou-se  
de tudo o que o Pai sofreu,  
eu escrevi, mas não gosto  
da história de Romeu.